

600

F. P. ~~SELECCOES~~ ~~SELECÇÕES~~

# PORTUGUEZA

Com a approvaçao do Conselho Superior de Instrucção Publica  
para o uso das Escolas Lyceas

POR

DOM FILIPE LEITE

Professor da Lyceu Central de Lisboa

E

BERNARDO VALENTIM MACHADO DE SA

Professor da Escola Normal de Porto

Com a approvaçao do Conselho Superior de Instrucção Publica  
para o uso das Escolas Lyceas

EM ENCOMENDA MUITO MELHORADA

EM SBCA

A. FERREIRA MACHADO Editor

Rua de S. Pedro

1891

Q  
2-1-0-0

Fernando

Antônio

Coqueira

Pessoa

---

---

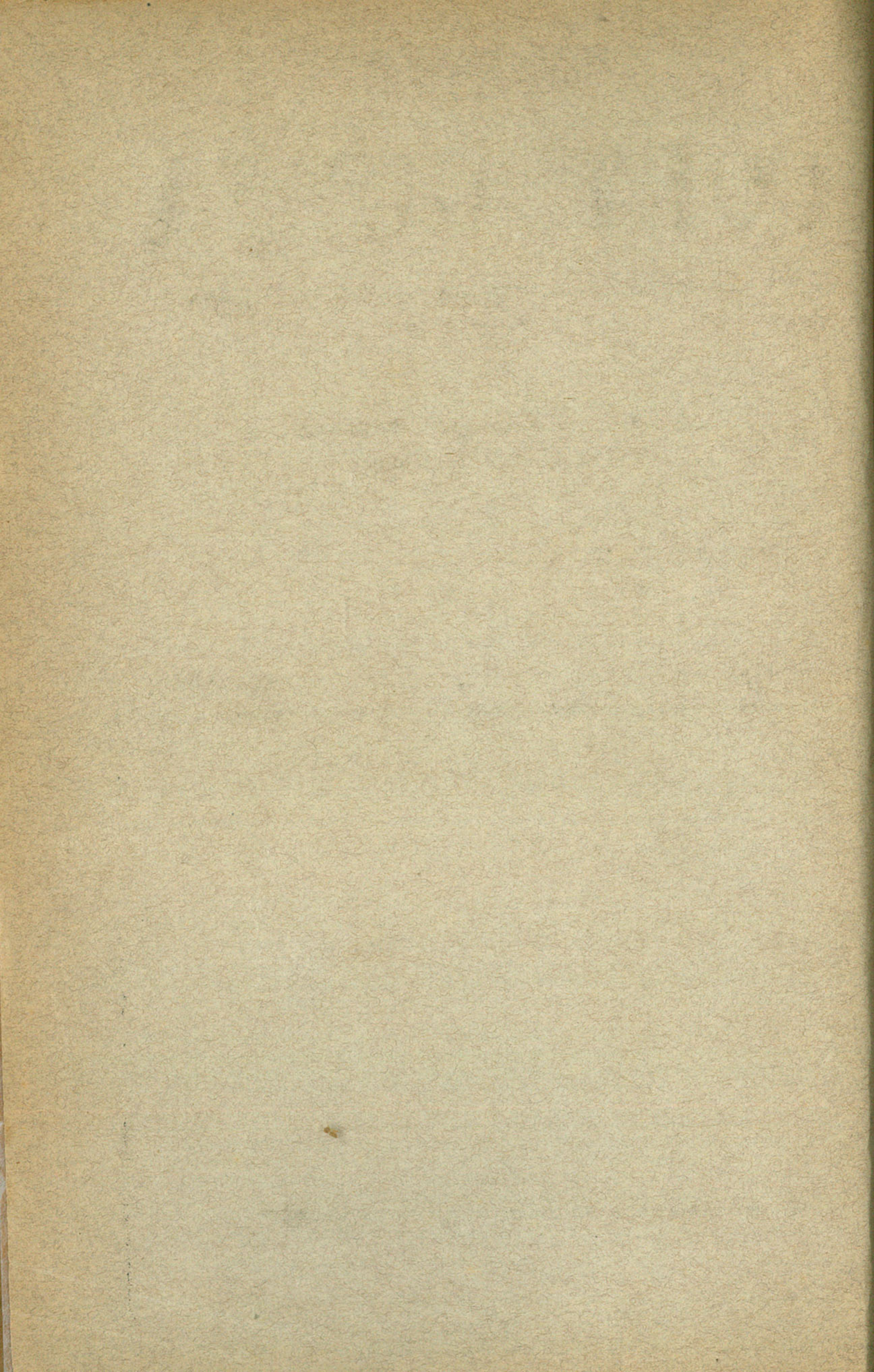
~~Fernando~~



*Fernando Pessoa*

---

SELECTA PORTUGUEZA



96

SELECTA

# PORTUGUEZA

Compilada, annotada e com referencias numerosas á grammatica portugueza  
do sr. A. Epiphanio da Silva Dias

POR

**Luiz Filippe Leite**

Professor do Lyceu Central de Lisboa

E

**Bernardo V. Moreira de Sá**

Professor da Escola Normal do Porto

---

Obra approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica,  
para uso das Escolas primarias e dos Lyceus

---

**5.<sup>a</sup> EDIÇÃO, MUITO MELHORADA**

---

LISBOA

**A. FERREIRA MACHADO & C.<sup>a</sup> — EDITORES**

*Rua da Saudade, 2 A*

1891

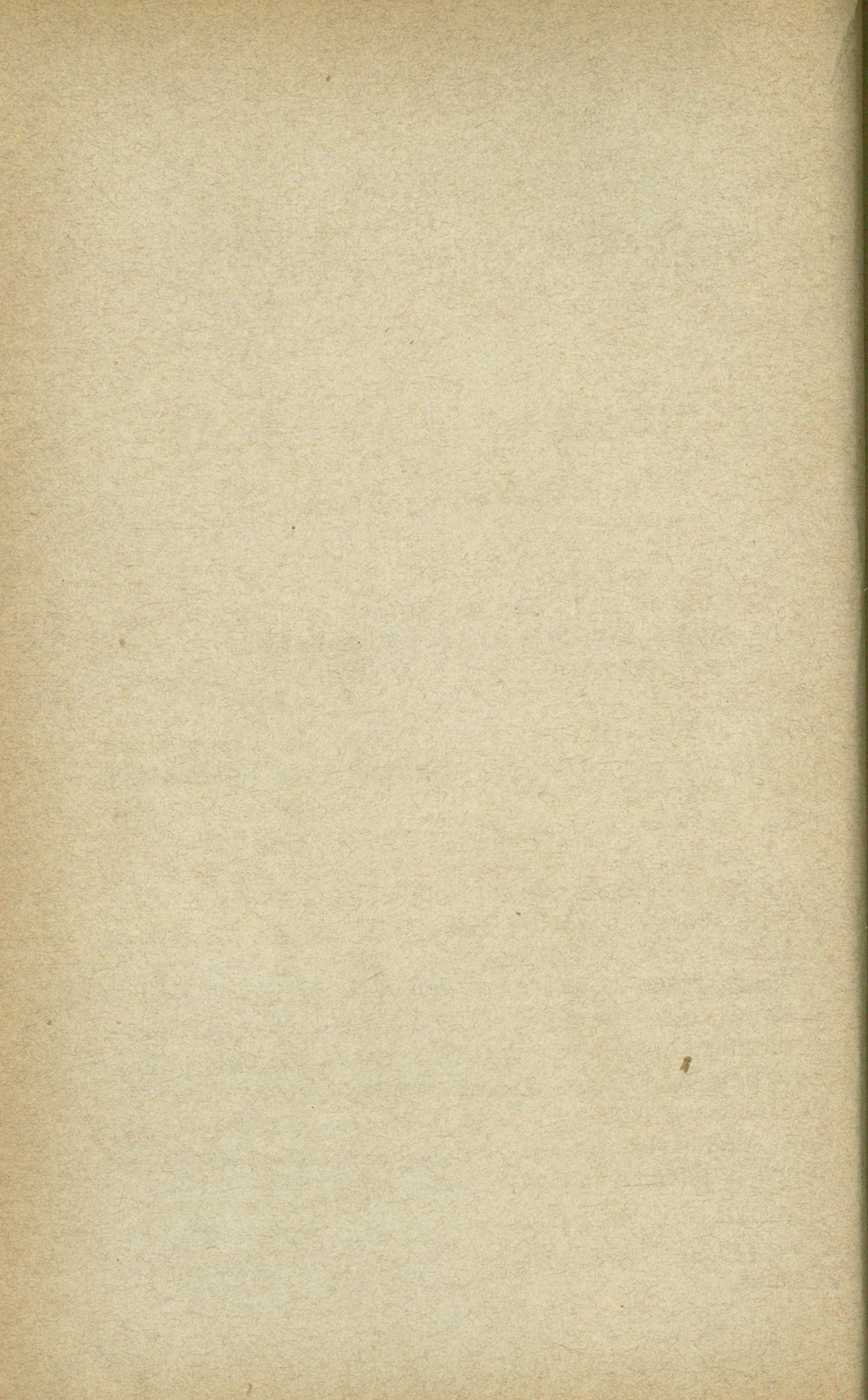
LISBOA

Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup> — IMPRESSORES

*Rua Nova do Loureiro, 25 a 39*



PRIMEIRA PARTE



# SELECTA PORTUGUEZA

---

## 1 — Deus e as creaturas

Ha <sup>1</sup> um só ente, que nunca teve principio: é Deus. Deus existiu sempre e ha-de sempre existir <sup>2</sup>; por isso se chama *sempiterno*, e a sua existencia *sempiternidade*.

Na sempiternidade está o tempo; isto é, no meio da duração sem principio nem fim, que só pertence a Deus, está a duração do universo, que necessariamente teve principio, e necessariamente ha-de ter fim.

O tempo, que é a medida da duração do universo, começou pois com elle e com elle ha-de finalizar <sup>3</sup>. Antes do tempo, só houve eternidade; depois do tempo, só ha-de haver eternidade.

Deus creou o universo quando quiz, como quiz e para os fins que quiz, sem que nós outros, na nossa profundissima ignorancia actual, possamos saber á justa <sup>4</sup> nem esses fins, nem esse como, nem esse quando.

Deus tem conservado e conserva o universo por leis superiores á nossa comprehensão, mas cuja existencia e perfeita harmonia são evidentes <sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> § 119, a). <sup>2</sup> § 82, Obs. 1 e 2. <sup>3</sup> ter fim. <sup>4</sup> com exactidão.  
<sup>5</sup> claras.

Deus a final ha-de destruir o universo e torná-lo <sup>6</sup> ao nada de que o tirou, quando lhe aprouver.

As creaturas <sup>7</sup>, obras de Deus, cujo complexo <sup>8</sup> constitue o universo, dividem-se em *corporeas* <sup>9</sup>, *incorporeas* <sup>10</sup> e *mistas*. As corporeas são destructiveis <sup>11</sup>, as incorporeas, indestructiveis <sup>12</sup>, as mistas, destructiveis no que têm <sup>13</sup> de corporeo, e indestructiveis no que têm de incorporeo. Todos os entes perceptiveis <sup>14</sup> a quaesquer dos nossos sentidos são destructiveis.

Nós, os homens mortaes <sup>15</sup> pelo corpo, somos pelo espirito immortaes <sup>16</sup>. Metade do nosso composto <sup>17</sup> nasce, cresce, envelhece, morre, desfaz-se como as plantas; a outra metade não nasce, não cresce, não envelhece, não morre; cria-a Deus quando é servido, encerra-a num <sup>18</sup> corpo, que ella aviventa <sup>19</sup> e que lhe obedece, e, por derradeiro <sup>20</sup>, a faz sair d'elle. O nosso nascer <sup>21</sup>, o nosso viver, o nosso morrer, são tres mysterios, que nunca hão-de ser explicados.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

<sup>6</sup> § 71 a, 1). <sup>7</sup> todas as cousas creadas. <sup>8</sup> reunião. <sup>9</sup> que têm corpo. <sup>10</sup> que não têm corpo. Neste caso o prefixo *in* exprime a negação. <sup>11</sup> que podem ser destruidas. <sup>12</sup> que não podem ser destruidas. <sup>13</sup> Gram. pag. 93, Obs. 1. <sup>14</sup> que podem ser percebidos. <sup>15</sup> que estão sujeitos a morrer. <sup>16</sup> não sujeitos a morrer. <sup>17</sup> todo. <sup>18</sup> § 71 c, Obs. <sup>19</sup> dar vida. <sup>20</sup> § 186. <sup>21</sup> § 222, c).

## 2 — Barca bella

Pescador da barca bella,  
Onde vaes pescar com ella,  
Que é tão bella,  
Oh pescador?

Não vês que a ultima estrella  
 No céu nublado se véla? <sup>1</sup>  
 Colhe a vela, <sup>2</sup>  
 Oh pescador!

Deita o lanço <sup>3</sup> com cautella,  
 Que a sereia <sup>4</sup> canta bella...  
 Mas cautella,  
 Oh pescador!

Não se inrede a rede nella,  
 Que perdido é remo e vela.  
 Só de vê-la,  
 Oh pescador!

Pescador da barca bella,  
 Inda é tempo, foge d'ella,  
 Foge d'ella,  
 Oh pescador!

Almeida Garrett (1796-1854).

<sup>1</sup> é o verbo *velar*, cobrir com veu, encobrir. <sup>2</sup> Diz-se também *tomar a vela*, e *amainar*, isto é recolher a vela do barco. <sup>3</sup> deita a rede. <sup>4</sup> Eram as sereias monstros fabulosos, metade mulheres, metade peixes, e cantavam com tanta melodia, que attrahiam a si os navegantes e depois os devoravam.

### 3 — A bananeira

A bananeira é planta herbacea <sup>1</sup> dos paizes quentes da Asia, Africa e America. E' do tamanho de uma arvore mediana; não tem tronco propriamente tal, pois o que lhe serve de pé <sup>2</sup> vem a ser um rolo de oito até

<sup>1</sup> tenra e molle, como é a herva. O contrario é *lenhoso* <sup>2</sup> § 153,2.

dez pollegadas de diametro, composto de folhas acamadas mui conchegadamente umas sobre outras, mas desapegadas, a que chamam sobrecapas. Esta haste se eleva a dez ou doze pés de altura e é tão tenra que, com um golpe de fouce, se póde cortar cerce. <sup>3</sup>

As folhas, contando-lhe o peciolo <sup>4</sup> que as sustenta, tem de seis a nove pés <sup>5</sup> de comprimento e quasi dois na maior largura: são mui lisas e de bellissimo verde, mais carregado da parte de cima que da de baixo.

Do centro d'estas folhas sae uma haste grossa, verde e lenhosa <sup>6</sup> dividida em nós <sup>7</sup>, inclinada e terminando em um botão composto de folhas ou de escamas espatháceas <sup>8</sup> córadas, oblongas <sup>9</sup>, apinhadas umas sobre outras, d'onde saem as flôres, que dão fructo de quatro, cinco, e seis pollegadas de comprido, da feição de pepinos pequenos. São as bananas. A pelle, quando o fructo está maduro, fica da côr do oiro; o miolo é amarellado, unctoso <sup>10</sup>, sem pevide nem carôço e de sabor agridoce <sup>11</sup> mui gostoso.

Nasce este fructo em fórma de cacho, formado de nove até dez divisões, verticilladas <sup>12</sup> ao redor do pé commum; cada divisão consta de curtissimos esgalhos e é composta, segundo o vigor da planta, de seis, oito e dez bananas muito unidas. A estes esgalhos chama-se *pencas*; e ao aggregado das pencas, *espádice*.

A banana é muito nutritiva, mas de difficil digestão <sup>13</sup>. Comem-se <sup>14</sup> cruas; assadas, e tambem cozidas

---

<sup>3</sup> pela raiz, rente. É adv. <sup>4</sup> haste ou pé da folha. <sup>5</sup> o pé é uma medida de extensão equivalente a 12 pollegadas ou 0,<sup>m</sup>33. <sup>6</sup> que tem a consistencia de madeira. <sup>7</sup> § 158, i.) <sup>8</sup> da natureza ou configuração da *espatha*. É esta um involucro foliaceo, ou membranoso, proprio de certa ordem de plantas. <sup>9</sup> que são mais compridas do que largas; ovaes, alongadas. <sup>10</sup> No sentido figurado quer dizer avelludado, macio, brando. <sup>11</sup> ou agrodoce, que tem o sabor misto de agro ou azedo e doce. <sup>12</sup> dispostas em *verticillo*. Chama-se *verticillo* o conjuncto das partes da flôr dispostas em volta de um eixo commum e no plano horisontal. <sup>13</sup> § 121, Obs. 2. <sup>14</sup> § 192.

em <sup>15</sup> agua ou vinho e até fritas em manteiga. Nalguns paizes fazem pão de banana, e uma bebida assucarada, fervendo-as na agua.

A haste d'este precioso fructo tambem serve para fazer panno, tirando-se-lhe fios mui <sup>16</sup> rijos, mediante certa preparação.

A bananeira não dá fructo mais de uma vez; multiplica-se, porém, pelos filhos, que lhe nascem da raiz, e que são uma especie de gomos ou bolbos. Só no fim de um anno é que dá fructo.

Felix de Avellar Brotero (1774-1826).

<sup>15</sup> § 159. <sup>16</sup> Mui por muito (apócope).

#### 4 — Um toucado

Chaves na mão, melena desgrenhada,  
Batendo o pé na casa, a mãe ordena  
Que o furtado colchão, fôfo, e de penna,  
A filha o ponha alli, ou a criada.

A filha, moça esbelta, e aperaltada <sup>1</sup>,  
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:  
«Sumiu-se-lhe um colchão?! é forte pena;  
Olhe não fique a casa arruinada.»

«Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?  
Tu cuidas que, por ter pae embarcado <sup>2</sup>,  
Já a mãe não tem mãos?» E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;  
Eis senão quando (caso nunca visto!)  
Sae-lhe o colchão de dentro do toucado.

Nicolau Tolentino d'Almeida (1740-1811).

<sup>1</sup> Casquilha, garrida, aianotada, presumida no modo de vestir e nas maneiras. <sup>2</sup> por teu pae andar em viagem no mar.

5 — Terra do Fogo <sup>4</sup>

A parte da Terra do Fogo, que do Cabo do Espirito Santo corre para oeste até ao de S. Valentim, e para o sul e leste até Cabo de Penas, é plana. Depois começa o terreno a fazer-se montuoso <sup>2</sup>. O nome, que todo aquelle conjuncto tem, não nasceu de calores que alli se soffram, mas das fogueiras que os habitantes faziam quando os primeiros viajantes lá foram. As montanhas, nesta parte do estreito <sup>3</sup>, estão commumente <sup>4</sup> cobertas de neve eterna. Não são tão povoadas d'arvores, nem as arvores tão vigorosas nem tão grandes como do lado do norte, no continente.

A estatura dos habitantes da Terra do Fogo é regular, mais mediana que agigantada. Tem os membros bem proporcionados e ageis, apesar do pouquissimo exercicio que fazem. As feições do rosto, se nada têm de formosas, tambem nada têm de horriveis. O cabello preto mais parece clina fina e subtil que cabello humano, o que de certo provém de trazerem a cabeça sempre descoberta. Alguns, raros, têm barba, mas mui raia <sup>5</sup>.

Mal vestidos com pelles de lobo marinho <sup>6</sup>, mal precavidos contra os rigores do inverno pela pelle do guanaco <sup>7</sup>, aquella pobre gente é quasi sempre obrigada a alimentar-se com os mariscos que os patagões <sup>8</sup> desprezam, mas que elles olham como benefico manná. Mettidos em pirogas <sup>9</sup>, que chegam a ter doze e quinze pés de comprido, de casca d'arvore cosida com tendões

---

<sup>1</sup> A Terra do Fogo está sobre a costa meridional do estreito de Magalhães, na extremidade da America do Sul. Veja o trecho 19. <sup>2</sup> montanhoso. <sup>3</sup> o estreito de Magalhães. <sup>4</sup> ordinariamente, quasi sempre. <sup>5</sup> rara, pouco abundante. <sup>6</sup> ou *boi marinho*, animal de pello liso que vive nos mares gelados, mas não debaixo de agua (amphibio). <sup>7</sup> quadrupede proprio das montanhas da America do Sul (Andes); é quasi como um camelo do tamanho d'um jumento. <sup>8</sup> habitantes da Patagonia. <sup>9</sup> barcos estreitos.



de animaes, vogam incessantes á procura d'alimento por aquellas praias entrecortadas. A cada passo carecem de mergulhar para destacar as conchas dos rochedos; e é ás mulheres que pertence este trabalho. A funda, o arco e as frechas são privilegio dos maridos, e lhes constituem o direito da suprema indolencia. D'este estado resulta, como já bem o fez observar d'Orbigny <sup>10</sup>, que as mulheres da Terra do Fogo são talvez, de todas as selvagens da America, as que têm mais dura sorte.

José de Torres (1827-1874).

<sup>10</sup> Pronuncia-se *Orbinhi*.

---

## 6 — A Dor e a Alegria

O que é a Dor? Um mar. E a Alegria?  
 Perola occulta nesse mar fremente. <sup>1</sup>  
 Quantas vezes a perola encantada,  
 Entre as rochas profundas sepultada,  
 Se dissolve <sup>2</sup> esquecida, lentamente,  
 E nunca chega a ver a luz do dia!

Anthero do Quental (escriptor contemporaneo).

<sup>1</sup> que brame, que faz grande estrondo. <sup>2</sup> se desfaz.

---

## 7 — Sciencia e virtude

Sciencia e virtude são, em epilogo <sup>1</sup>, a nobreza verdadeira. As fidalguias herdadas contestam-se, <sup>2</sup> perdem-se, deslustram-se.

Desabam thronos; dissipam-se opulencias <sup>3</sup>; as for-

---

<sup>1</sup> Em resumo, em conclusão. <sup>2</sup> § 192, b). <sup>3</sup> riquezas.

ças gastam-se; a mocidade e as graças dissipam-se; o poder anniquilla-se; os titulos revogam-se <sup>4</sup>; as affeições transformam-se; os amigos finam-se <sup>5</sup>; as condecorações despem-se todas as noites: o mais carregado d'ellas quem o distinguirá no somno do mendigo nu?

Mas sciencia e virtude!... não são dotes externos, nem postiços ou convencionaes; nem outorgados <sup>6</sup> por munificencia <sup>7</sup> de principes, ou por suffragios <sup>8</sup> do povo, nem comprados, nem negociados, nem extorquidos <sup>9</sup>. Grangeiam-se <sup>10</sup> pelo trabalho; enthesoiram-se dentro; ninguém no-los <sup>11</sup> póde roubar; acompanham-nos na solidão; consolam-nos nas desditas <sup>12</sup>; elevam-nos sem nos ensoberbecerem; cercam-nos d'amor, de gratidão e de respeito.

A sciencia enche e doira a vida; a virtude alegre a morte e lá se vae continuar onde nada finda.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

<sup>4</sup> desfazem-se, annullam-se. <sup>5</sup> morrem. <sup>6</sup> concedidos, dados. <sup>7</sup> liberalidade, generosidade. <sup>8</sup> votos. <sup>9</sup> tirados por violencia ou por ameaças. <sup>10</sup> adquirem-se, obtêm-se. <sup>11</sup> § 58, b), e § 188, b), 2). <sup>12</sup> desgraças.

### 8 — Passarinho solto

Vôa, vôa, passarinho,  
Gosa em maio tua idade:  
Tua gaiola quebrou-se,  
Vae gosar da liberdade.

Porém ouvi neste bosque  
Um som enganoso agora.  
Não te fies na negaça; <sup>1</sup>  
Vôa, vôa, vae-te embora.

<sup>1</sup> engodo, isca, cevo, chamariz.

Tu não vês o traidor laço  
 Que do lindo bago pende?  
 Vôa, pobre passarinho,  
 Ou a traição te surprehende.

Se aquelle bago engolires,<sup>2</sup>  
 Em vão quererás voar:  
 O laço<sup>3</sup> contém a morte,  
 E tu vaes nelle expirar.

Marqueza d'Alorna (*Alcippe*, 1750-1839.)

<sup>2</sup> § 209, *Obs.* e § 217, 6. <sup>3</sup> armadilha ou engenho para caçar animaes.

### 9 — Destincção entre judeos e moiros em Portugal

Os judeos deviam trazer sobre o peito patente<sup>1</sup> uma estrella de panno encarnado de seis pontas. Depois se lhes mandou<sup>2</sup> usar de gorra, barrete ou chapéo amarello. Os moiros se distinguiam, além dos trajes de sua nação, por um escapulario e signal, a que davam o nome de *almexias*<sup>3</sup>, e ultimamente, por uma lua no hombro, que, sendo em algum tempo vermelha, se lhes mandou depois usar de côr amarella, e ultimamente da mesma antiga côr.

Quanto ao seu apartamento dos christãos: em todas as povoações, em que chegava a haver dez judeos, deviam viver em bairro apartado nas suas *judiarias*, ou *communas*; e onde havia igual numero de moiros deviam ter o seu bairro, ou moiraria apartada: mandando-se fechar os mesmos bairros de uns e outros, a

<sup>1</sup> á vista, que todos pudessem vêr. <sup>2</sup> § 192, c). <sup>3</sup> signal que el-rei D. Affonso IV mandou que os moiros de Portugal trouxessem nos vestidos, quando não usassem do trajo oriental.

horas de Trindades <sup>4</sup>, e tendo pena o que depois d'essa hora se encontrasse fóra das communas, ou moirarias.

Para melhor se evitar a familiaridade d'elles com os christãos, era-lhes prohibido ter christãos por <sup>5</sup> seus criados. As mulheres cristãs <sup>6</sup> não podiam entrar sem companhia de christãos em casa, ou tenda de moiro, ou judeo, e nas suas moirarias ou communas, nem os judeos ou moiros em casa de mulher christã, sem companhia de christão... Eram igualmente os judeos e moiros prohibidos de exercitar officios publicos respectivos a christãos, arrendar rendas ecclesiasticas <sup>7</sup>, e servirem mesmo de vedores <sup>8</sup>, mordomos, recebedores, ou contadores d'el-rei, infantas, prelados, <sup>9</sup> e fidalgos. E eram tão especificas <sup>10</sup> as providencias ácerca da mesma familiaridade, que <sup>11</sup> nem podiam os judeos e moiros entrar nas tabernas dos christãos, uma vez que nas suas moirarias ou communas houvesse vinho de venda.

João Pedro Ribeiro (1759-1839).

<sup>4</sup> o toque das Ave-Marias. <sup>5</sup> § 168, 3). <sup>6</sup> § 46, 3). <sup>7</sup> que pertencem á egreja. <sup>8</sup> os que vêem, inspeccionam, ou fiscalizam; é o mesmo que inspectores, intendentas, administradores. <sup>9</sup> bispos. <sup>10</sup> minuciosas. <sup>11</sup> § 84, a, *Obs.*

#### 10 — A Raposa e as uvas

Contam que certa raposa,  
 Andando muito esfaimada,  
 Viu roxos, maduros cachos  
 Pendentes de alta latada.  
 De bom grado os trincaria;  
 Mas, sem lhes poder chegar,  
 Disse: «Estão verdes, não prestam,  
 Só os cães os podem tragar.»

Eis cáe uma parra, quando  
 Proseguia o seu caminho,  
 E, crendo que era algum bago,  
 Volta depressa o focinho.

Traduzido de La Fontaine por  
 Manoel Maria Barbosa du Bocage (*Elmano Sadino*. 1765-1805)

### 11 — O Pico de Teneriffe <sup>1</sup>

O sol ia declinando <sup>2</sup> para o occaso <sup>3</sup>. Sobre o céu de um azul intenso e puro, parecia espargir a luz em pó tenuissimo <sup>4</sup> de oiro e purpura <sup>5</sup>. A prodigiosa transparencia do ar dava ás regiões celestes <sup>6</sup> infinita profundidade, e ao horizonte uma extensão immensa. Eram visiveis a grande distancia as minimas <sup>7</sup> ondulações do mar. As aguas tinham um tom verde pallido com reflexos azulados, que se harmonisava maravilhosamente com a côr luminosa do céu; e a sua limpidez era tanta que atravez d'ella se entrevia o fundo do abysmo.

Ao sul, escura cerração <sup>8</sup> cobria o horizonte, contrastando com os esplendores da luz, que por toda a parte caia das alturas do céu até o oceano, onde vivamente se reflectia. Por cima d'aquella cerração, suspensa como meteoro <sup>9</sup>, apparecia a branca pyramide que corôa Teneriffe; serra immensa cuja base se esconde nas aguas, cujos pincares sobrepujam <sup>10</sup> as nuvens. A nevoa envolvia a ilha: o Pico do Theyde projectava-se nitidamente <sup>11</sup> no céu.

Eu contemplava maravilhado aquelle grandioso espectáculo, que cada vez se tornava mais esplendido á medida que o sol baixava para o horizonte e que nós nos approximavamos de Teneriffe. A cerração parecia ir-se attenuando <sup>12</sup> e, atravez d'ella, desenhando-se mais e mais o contorno escabroso <sup>13</sup>, recortado, profunda-

mente sinuoso <sup>14</sup> da ilha. O Pico, vivamente illuminado e despido de nuvens, cada vez se erguia mais, parecendo sempre como suspenso no ar. Nuvem cinzenta, que pouco a pouco apparecia distincta da neblina <sup>15</sup> que envolvia a ilha, pairava por cima dos montes menos elevados e velava <sup>16</sup> a montanha do Theyde quasi até à larga corôa <sup>17</sup>, do meio da qual se ergue aquelle agudo Pico vulcanico, que desde muito os navegantes vêem, em dias claros, projectar-se no céu.

Os passageiros estavam todos a admirar o esplendor do quadro, e a gozar da amenidade e encantadora belleza da tarde. Eram pela maior parte inglezes e inglezas. A alegria mais expansiva <sup>18</sup> reinava n'aquella reunião fortuita <sup>19</sup> dos filhos da melancholica e ennevoadada Albion <sup>20</sup>, sobre quem uma athmosphera pura, leve, embalsamada e transparente e os raios brilhantissimos de um sol meridional exerciam uma acção hilariante <sup>21</sup>.

A ilha de Teneriffe erguia-se deante de nós, rude, selvagem, colossal, severa, lugubre. Era como uma ruina immensa, cujos fundamentos se escondiam nas aguas. Escnra na base, nebulosa na região dos montes: illuminada no mais elevado e solitario pincaro, no agudo Pico do Theyde, onde davam ainda obliquamente os ultimos clarões do sol.

O aspecto de Teneriffe visto do mar é profundamente triste. A rocha, a serra, a natureza morta domina tudo. O tom verde das plantas não interrompe alli a côr funebre das rochas vulcanicas. Parece, á vista d'aquella desolação, que a ilha, saida apenas do seio das aguas, não teve tempo ainda para se povoar de vegetação <sup>22</sup>. É como a imagem do mundo primitivo de que nos falla o *Génesis* <sup>23</sup> quando as aguas se congregaram em mares, e a arida terra appareceu, ainda despida de ervas virentes <sup>24</sup> e de arvores fructiferas.

<sup>1</sup> No archipelago dos Canarias. Veja a nota 1 do n.º 15. <sup>2</sup> baixando. <sup>3</sup> desaparecimento do sol, ou de qualquer astro, no horisonte. O momento, a occasião em que se effectua este desaparecimento. <sup>4</sup> miudissimo, finissimo (superlativo de *tenue*.) <sup>5</sup> côr vermelha. <sup>6</sup> céu, atmosphaera. <sup>7</sup> Superlativo de pequenas. <sup>8</sup> escuridão causada principalmente por nevoeiro ou accumulação de nuvens grossas. <sup>9</sup> qualquer phenomeno atmospherico. <sup>10</sup> excedem em altura. <sup>11</sup> com clareza. <sup>12</sup> adelgaçando. <sup>13</sup> desigual. <sup>14</sup> tortuoso. <sup>15</sup> nevoeiro, nevoa densa e rasteira. <sup>16</sup> encobria. <sup>17</sup> cimo, cume, planalto. <sup>18</sup> communicativa, franca. <sup>19</sup> casual, imprevista. <sup>20</sup> Nome que os antigos davam á ilha que hoje se chama Grã-Bretanha, a qual comprehende a Inglaterra e a Escossia. <sup>21</sup> que produz alegria. <sup>22</sup> plantas. <sup>23</sup> O primeiro livro da Biblia em que se descreve a criação do mundo. <sup>24</sup> verdejantes, verdes.

## 12 — Abandonando um cavallo lazarento

Vae, misero cavallo lazarento,  
 Pastar longas campinas livremente;  
 Não percas tempo em quanto t'o consente  
 De magros cães faminto ajuntamento.

Esta sella, teu unico ornamento,  
 Para signal de minha dor vehemente,  
 De torto prego ficará pendente,  
 Despojo inutil do inconstante vento.

Morre em paz, que, em havendo <sup>1</sup> algum dinheiro,  
 Hei-de mandar, em honra do teu nome,  
 Abrir em negra pedra este letreiro:

— *Aqui piedoso entulho os ossos come  
 Do mais fiel, mais rapido sendeiro,  
 Que fôra eterno a não morrer<sup>2</sup> de fome.*

Nicolau Tolentino (1741-1811.)

<sup>1</sup> Gr. § 240, b. <sup>2</sup> Gr. § 230.

13 — O Filho prodigo<sup>1</sup>

Feliz vivia um pae de familia acariciado pela esposa do seu amor e rodeado de filhos que estremecia, sendo o mais novo as delicias de toda a casa. Descontente de viver em tão estreito circulo, exigiu aquelle filho a partilha, e deixou a habitação paterna. Foi um dia de lagrimas debaixo d'aquelle tecto. Correu mundo o inexperto mancebo. Viajou. Eram os banquetes a recreação do seu espirito acanhado.

Toda a legitima<sup>2</sup> devorou em poucos mezes e, quando a illimitada<sup>3</sup> prodigalidade o deixou sem um obolo<sup>4</sup>, achou-se desamparado dos amigos que o illudiam, do mundo que victoriára o prodigo, emquanto o prodigo teve oiro para o comprar.

Nem uma veste lhe restou para o cobrir, nem uma fatia de pão para comer. Que faria no extremo de tanta miseria?

Foi servir para o campo e deram-lhe animaes immundos<sup>5</sup> a guardar. Lástima era presenciar semelhante espectáculo, a quem tivesse visto aquelle moço rodeado de servos na casa abastada de seus paes.

Correu o tempo assim. Adoça os corações a adversidade. Já não era o estouvado phantasioso, córado, risosinho, sem um pensamento serio, que alli estava roto e desprezível no montado<sup>6</sup>, comendo na celha com os seus desprezíveis companheiros. Era um rosto pallido, uns olhos nadando em melancholia, um coração que a desgraça tornára saudoso; e quem o examinasse bem na solidão dos campos, assentado numa<sup>7</sup> pedra, com a cabeça entre as mãos, ver-lhe-hia<sup>8</sup> dois fios de lagrimas escrevendo-lhe sobre as faces a lembrança do pae que offendera, a recordação da mãe que lá estaria em casa a chorar tambem por elle, as saudades d'aquella infancia que lhe corrêra esplendida de innocentes alegrias: e, quando aquelles olhos já não tinham mais lagrimas que chorar, alongava os pelo horizonte além, e lá descobria a aldeia da sua infancia, e na al-



deia lá divisava a casa onde o pensamento o fazia entrar, e assim permanecia com os olhos fixos naquelle<sup>7</sup> ponto longinquo, como a estatua da afflicção.

Um dia, ou fosse<sup>9</sup> a fome mais intensa, ou mais agudo o espinho da saudade, animou-lhe um clarão o espirito. Ergue a cabeça, deixa os animaes que pastoreava, e corre na direcção da casa paterna aquelle desventurado mocinho, levando a emmaranhada grenha por chapéo, por imaginaria cobertura uma tunica esfarrapada, descalço, com um simples bordão, no rosto a fome, e no peito a anciedade.

O Pae, que nunca se esquecêra d'aquella creança, que nunca mais fôra visto sorrir, a quem tamanho desgosto fôra successivamente entorpecendo<sup>10</sup> os passos, cavando rugas nas faces, congelando o sangue no coração onde era a ferida, embranquecendo os cabellos e cortando as feições, estava no atrio<sup>11</sup> para onde todos os dias o conduziam, quasi insensivel, a esposa, as filhas e os servos, rodeando-o de carinhos; mas servos, filhas e esposa não eram senão sombras para aquella phantasia, alumiada só pelo reflexo da saudade.

No atrio se achava, pois, envolvido na costumada melancholia, lançando os olhos machinalmente para a extensão, como todo o homem que padece; ou, quem pôde adivinhar mysterios da alma? murmurando-lhe talvez o silencio<sup>12</sup> uma revelação, que elle mesmo não comprehendia bem. De repente, vê ao longe uma sombra correndo na direcção da casa. Diz-lhe um segredo a voz do coração. Vem mais perto aquella sombra. Percebe-se que é um moço. Não puderam os olhos do ancião reconhecer o filho no desprezivel esfarrapado que vinha correndo para o atrio, mas a alma revelou-lhe que era elle, e a Providencia operou de certo um milagre, não matando alli aquelle pae de contentamento<sup>13</sup>. O moço chega aos degraus do atrio, pára, hesita, trava-se batalha dentro d'aquelle peito, prorompe<sup>14</sup>, torna a parar e, sem saber como, lá está já lançado aos pés do pae a bradar-lhe:

— «Perdão, meu querido pae, perdôe-me».

O pae quiz murmurar uns sons, mas a voz recusou-se-lhe. Os braços, tinha-os já abertos. As faces, tinham-nas <sup>15</sup> já alagado dois rios de lagrimas. Foi só o coração que se encarregou de dizer áquelle filho: «Sê bem vindo, estás perdoado.»

Por um instante nada se ouviu alli. Havia dois homens <sup>16</sup> sem se poderem arrancar dos braços um do outro. Mãe, irmãos, familia porfiavam a qual primeiro abraçaria o bem-vindo. A casa toda se alvoroçou de contentamento <sup>17</sup>.

— «Tragam lhe a melhor tunica — ordenava o pae entre lagrimas que sorriam; — mate-se para o jantar o nosso vitello mais gordo.»

O filho primogenito <sup>18</sup>, ao chegar dos trabalhos ru-raes, e vendo tantos preparativos, todo se escandalizou.

— «Pois a mim — disse elle ao pae — que sempre vos fui obediente, nunca assim me festejastes, e orde-naes tão esplendido banquete para o filho que tanto vos escandalizou?»

— É que tu nunca me deixaste, meu filho — respondeu-lhe o pae — e este, que é filho meu tambem, tinha-o perdido e achei-o; fugiu de mim, mas procurou me depois.»

Quadro é este formoso de arrependimento. O delicto humano punido com o perdão. O castigo excessivo teria feito d'aquelle criminoso um renitente <sup>19</sup> e um perdido. A doçura e a misericordia resuscitavam-no para a sociedade.

D. Antonio da Costa (*escriptor contemporaneo*)

<sup>1</sup> perdulario, dissipador. <sup>2</sup> os bens que lhe couberam na partilha. <sup>3</sup> não limitada. Aqui o prefixo de negação *in* mudou-se em *it* por vir antes da letra *l*. <sup>4</sup> Era o óbolo uma pequena moeda grega equivalente a 10 reis do nosso dinheiro. No sentido figurado, significa uma quantia insignificante, como a mealha, o ceitil, etc. <sup>5</sup> gado suino, porcos. <sup>6</sup> terreno plantado de azinheiras e sobreiros para engorda dos porcos. <sup>7</sup> § 71, *c*, *Obs.* <sup>8</sup> § 80, nota 1.<sup>a</sup> <sup>9</sup> Gr. § 217, 6, *Obs.* <sup>10</sup> § 82, *b*). <sup>11</sup> Vesti-

bulo ou pateo de entrada d'um edificio. <sup>12</sup> § 238 2) e § 249, Obs. <sup>13</sup> § 142. <sup>14</sup> Proromper é sair com impeto. <sup>15</sup> § 58, c). <sup>16</sup> § 119, a). <sup>17</sup> § 141. <sup>18</sup> o filho mais velho. <sup>19</sup> obstinado, desobediente.

#### 14 — O leão e a raposa

«Meu senhor!» disse a raposa  
Fallando um dia ao leão,  
«Eu não sou mexeriqueira,  
Mas calar-me é semrazão.

Sabe que mais? anda um burro  
Aqui <sup>1</sup> por toda a cidade  
A dizer mil insolencias  
Contra vossa majestade.

Elle diz, que não percebe  
Como lhe acham talentos,  
Em que consiste a grandeza  
D'esses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,  
E que é pouca habilidade,  
Quando vence facilmente,  
Ostentar <sup>2</sup> heroicidade <sup>3</sup>.»

Calou-se um pouco o leão,  
E depois, sorrindo, disse:  
— «Que importa o que diz um asno?  
Enfadar-se é parvoice.»

Marquez d'Alorna (*Alcippe* 1750-1839)

<sup>1</sup> § 82, a. <sup>2</sup> mostrar, alardear. <sup>3</sup> qualidade de heróe: *ostentar heroicidade*, fazer de valentão, querer passar por muito corajoso.

## 15 — Santa Cruz de Teneriffe

A cidade de Santa Cruz de Teneriffe <sup>1</sup> está situada no fundo de uma larga bahia.

Forma a praia, estreita e pouco accessivel <sup>2</sup>, uma curva bastante regular, limitada de um e outro extremo por elevados promontorios de triste e desolado aspecto <sup>3</sup>. A cidade de uma alvura deslumbrante, quando o sol dardeja, sobre ella vivissimos raios, estende-se ao longo da praia, parecendo encerrada no estreito ambito <sup>4</sup> de altos e escabrosos <sup>5</sup> montes, que formam em torno d'ella um circo de abruptos <sup>6</sup> precipicios. São aridos, asperos, sombrios os penhascos que sobem, encastellados uns sobre os outros, do mar até á serra; e raro apparece, por entre as fendas das rochas, pobre e nua vegetação de plantas espinhosas ou gordas, características do clima africano.

A pequena cidade tem uma physionomia andaluza <sup>7</sup> perfeitamente accentuada. Ruas estreitas, casas com janellas de rótula <sup>8</sup>, portal sombrio, pateo central de lagedo, com poço ao centro e por vezes alguns vasos de flores em roda; no pateo varandas corridas em cada andar, com peitoril de pau mais ou menos arrendado: açotéas <sup>9</sup> e miradoiros, em forma de torre; egrejas, ermidas, capellas, nichos a cada canto; grande massa de antigos conventos dominando todas as construcções, e, na praça principal, a que os patriotas puzeram o nome de Praça da Constituição, um monumento de marmore de Carrara <sup>10</sup> representando a appareção da Virgem da Candelária aos reis guanches <sup>11</sup>.

A casa de D. Facundo Primigenius ficava em frente do pequeno passeio situado á beiramar, onde algumas arvores sem vigor, resistem a custo aos ardores do sol e ás violencias do vento, para offerecerem aos habitantes de Santa Cruz uma exigua sombra, de que elles parecem pouco dispostos a aproveitar-se.

Preso entre grades, o pobre passeio da cidade deve sentir-se afflicto pela sua solidão; sobre tudo vendo o

movimento, a actividade, a alegria e o reboliço que vae sempre no bello e extenso molhe que, proximo d'elle, entra pelo mar dentro a buscar as frescas brizas e a convidar os navegantes á aguada, ao trafico e á alegria.

Estão no molhe e nas suas cercanias as mulheres do campo, de mantilhas de lã de cores vivas e chapéo de palha ou de feltro, vendendo em brancas gigas de vime as prateadas bananas, as doiradas laranjas, as doces tamaras, os perfumados morangos, os aromaticos ananazes, os sumarentos pêcegos, as natosas anonas, emfim todos os fructos dos tropicos e todos os da Europa meridional; e com elles o leite, o queijo, o pão e as flôres rescendentes e variegadas.

Graves negociantes, de apparencia mais ou menos britanica <sup>12</sup>, ajustam, mesmo ao pé do caes de embarque, as suas transacções sobre vinhos e cochonilha <sup>13</sup> com lavradores, cujos trajes pittorescos contrastam com o desgracioso vestuario europeu, em que elles envolvem a sua importancia politico-commercial. Por entre toda essa gente que compra e vende, que se agita e trafe-ga, passeiam as senhoras de mantilha de renda e saia de seda; andaluzas formosissimas, ligeiramente bronzeadas pelo sol da Africa, a quem um ar inebriante e carregado dos effluvios <sup>14</sup> de uma natureza sempre amorosa deu uma languidez suavissima, uma *morbi-deza* <sup>15</sup> que enamora.

João de Andrade Corvo (*escriptor contemporaneo*).

<sup>1</sup> Teneriffe é uma das principaes ilhas do archipelago das Canarias, situado no Oceano Atlantico, perto da costa de Marrocos (Africa). É a mais celebrada pelo seu enorme pico vulcanico que se eleva a 3715 m. Santa Cruz de Teneriffe, ou, mais exactamente, Santa Cruz de Santiago, tem uma população de 10:000 almas e é a residencia das auctoridades civis e militares das Canarias. Este archipelago fórma uma provincia hespanhola. <sup>2</sup> a que se não chega facilmente. <sup>3</sup> vista, apparencia. A raiz *spect* significa a acção de *ver*, olhar. Compare *circumspecto*, *despeito* (por *despecto*) *perspectiva*, *pros-*

*pecto, respeito* (por *respecto*), *respectivo, espectro, espectáculo, espectador, suspeitar* (por *suspectar*). <sup>4</sup> espaço. Propr. extensão que um objecto ou espaço tem em redor. <sup>5</sup> difficeis de subir <sup>6</sup> talhados a pique, sem descida quasi. <sup>7</sup> da Andaluzia, provincia no sul da Hespanha. <sup>8</sup> grade de madeira. <sup>9</sup> terraços por cima das casas. <sup>10</sup> cidade ao norte da Toscana, celebre por uma montanha de 8 kilometros de extensão e 700 m. de elevação, da qual se extrae marmore branco da melhor qualidade. <sup>11</sup> nome dado aos primitivos habitantes das Canarias, destruidos em grande parte durante a lucta contra os conquistadores normandos e castelhanos no seculo XV. A população guanche era de raça berber (grande nação do Noroeste d'Africa, de raça branca). Os guanches embalsamavam os mortos ao modo dos exypcios. Muitas das suas mumias figuram em varios museus da Europa. <sup>12</sup> ou britana, ingleza. <sup>13</sup> insecto que fornece a tinta escarlate conhecida por este nome e pelo de carmim. A variedade mais apreciada é a que se colhe d'uma especie de cacto que se chama *nopal*. <sup>14</sup> Emanações, vapores ou particulas que saem dos corpos. A raiz *flu* significa *correr* (applicado aos liquidos).

					{ <sup>o</sup>
					ez {
					i-fi {
					ar
					ação
					avel
af ( <i>xd</i> )	»	»	»	»	
con	»	»	»	»	
ef ( <i>ex</i> )	»	»	»	»	
in	»	»	»	»	
re	»	»	»	»	o
super	»		»	»	<i>idade</i>
					» <i>ctu-ar, ação ante, avel, oso, osi-dade</i>
					» <i>min-eo, ense; -vial; ef-flu-vio.</i>

Flux-o (tambem com os *pref.* af, de, in. re), *-ão*. <sup>15</sup> Suavidade, maciez, molleza: do ital. *morbidezza*, primitivo L. *morbis*, doença, do qual se derivam; morb-o, ido, ez, ifico, oso, morm-o, oso, aço, acento.

## 16 — A volta da primavera

Foi-se a quadra fria!  
Os bons dias tornam!  
Olha como adornam  
Graças os rosaes!

Olha o mar, que espelho !  
 Como nadam mansos,  
 Mergulhando, os gansos  
 Pelos seus crystaes ! <sup>1</sup>

Como os groux viajam !  
 Que aureo sol tão limpo !  
 Claro o azul do Olympo <sup>2</sup>  
 Nuvens já não tem !

Em teus chãos <sup>3</sup> lavrados,  
 Lavrador, exulta ! <sup>4</sup>  
 A semente occulta  
 Já viçando <sup>5</sup> vem !

O olival rebenta,  
 Pompa verde e preta !  
 Pampanos <sup>6</sup> desata  
 Bacchico <sup>7</sup> vinhal <sup>8</sup>

D'entre as folhas novas  
 Ri na flôr a fructa !  
 Vê ! repara ! escuta !  
 Festa universal !

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

<sup>1</sup> pelas aguas transparentes como o crystal. <sup>2</sup> Celebre monte ao norte da Grecia, onde, segundo a mythologia, tinha Jupiter a sua assistencia ordinaria com toda a sua côrte. Aqui emprega-se Olympo pelo céo. <sup>3</sup> campos. <sup>4</sup> alegra-te. <sup>5</sup> saindo em planta. <sup>6</sup> rebentos e folhas da vide. <sup>7</sup> pertencente a Baccho, Deus do vinho. <sup>8</sup> lugar plantado de videiras.

#### 17 — Fernão de Magalhães

Navegára, e tornára-se distincto na sciencia do mar e da guerra o nosso compatricio Fernão de Magalhães.

Seguira para a India na frota de Diogo Lopes Sequeira, quando aquelle capitão fôra ás ilhas de Madagascar e de Malaca. Na volta de Goa para o reino, naufragando as náos, deveu-se á intelligente energia e ao dedicado serviço de Fernão de Magalhães, com a salvação das vidas, o <sup>1</sup> não se perder toda a fazenda real. <sup>2</sup> Em galardão <sup>3</sup> d'estes trabalhos, pediu Magalhães a el-rei o accrescentamento de duzentos ou de cem réis mensaes na sua moradia <sup>4</sup>; mas D. Manoel, ou por causa de um processo em que fôra envolvido o illustre navegador, ou porque lhe não houvesse ganhado afeição, indeferiu o pedido.

Este indeferimento valeu uma grandissima gloria á Hespanha. Fernão de Magalhães, estudando e meditando, recebendo copiosas <sup>5</sup> informações das Molucas <sup>6</sup> e de todo o Oriente, presentiu que havia ainda outro caminho para a India além d'aquelle que fôra descoberto pelo Gama. Crente nesta esperança, deixa Portugal e vae offerecer á corôa hespanhola o roubar-nos o exclusivo do commercio oriental, patenteando um outro caminho para alli—sem passar pelos dominios portuguezes.

Consegue Fernão de Magalhães a necessaria licença de Carlos V, <sup>7</sup> e no dia 1.º de agosto de 1519 sae de Sevilha <sup>8</sup> no navio *Trindade*, seguido por outros quatro navios, *Victoria*, *Santo Antonio*, *Conceição* e *S. Thiago*, sendo o maior d'elles do porte de 430 toneladas. Vão ancorar em Teneriffe, e alli, refazendo se de agua e mantimentos, recebe Magalhães o conselho de se acautelar dos companheiros, que mais são inimigos promptos a rebellar-se contra elle, do que auxiliares que o ajudem na primeira difficuldade que se deparar. Veleja para a terra de Santa Cruz <sup>9</sup>, entra no Rio de Janeiro, navega depois para o sul, chama *Monte Videu* ao morro <sup>10</sup> situado á entrada do Rio da Prata, e neste rio surgem todos. Examinam o Rio da Prata para vêr se dá a desejada passagem para o mar do poente, mar avistado por Balboa quatro annos antes, e com este



intuito exploram a costa, visitam as enseadas, reconhecem as bahias que descortinam, e ferram <sup>11</sup> naquella que denominam *de S. Julião*.

Foi alli onde <sup>12</sup> Magalhães teve de supportar, com os trabalhos e perigos da tormenta, os desgostos da rebeldia dos companheiros. Foi alli onde Magalhães se mostrou energico e severo, como não podia deixar de ser capitão que tanto ousava, capitão que taes feitos emprehedia. Saindo de S. Julião, entra no rio de Santa Cruz, e, novamente desferindo as velas, continúa a navegar para o sul até descobrir o cabo que chamou *das Virgens*; e, descortinando outro cabo ainda mais para o sul, manda fazer grandes festas, porque pelas fortes marés e outros signaes presente que terá chegado ao tão desejado estreito, que lhe dê passagem para o outro mar. Entra o famoso estreito, denominado *do Fogo* a terra do sul, e, apesar de abandonado pelo navio *Santo Antonio*, continúa a navegar, e chama *Desejado* ao cabo que pelo sul termina este estreito. E assim, a 26 de novembro, desemboca com tres navios no mar que denomina *Pacifico*.

Segue governando a differentes rumos <sup>13</sup>, alcança a ilha de S. Paulo ou desaventurada, depois a dos Ladrões, e por ultimo as Philippinas. D'alli, guiado por praticos do paiz, vae aonde a sorte mesquinha quer que seja o ultimo dia de vida de tão infeliz quanto ousado e esclarecido navegador. Chega á ilha de Zebut, e, combatendo contra os naturaes com espantosa desigualdade em numero, contra a perfidia e traição dos indigenas <sup>14</sup>, que, reconciliados, lhe preparam tão infame ingratição, e contra a falta de polvora, quando os companheiros afflictos buscam salvar-se nas lanchas, Fernão de Magalhães, *o portuguez*, cobre e defende a retirada até ao ultimo, e, guardando-se para derradeiro, é morto alli!

Um só navio, o *Victoria*, consegue tocar em Timor, e, commandado por Sebastião del Cano, seguir derrota <sup>15</sup> pelo cabo da Boa Esperança, refazer-se de agua-

da <sup>16</sup> em S. Thiago de Cabo Verde, e entrar a 7 de setembro de 1622 no rio d'onde partira quasi tres annos antes, tendo feito uma volta completa em roda da terra.

De Magalhães resta só a gloria, e, emquanto o estreito, que conserva o nome do famoso portuguez, unir o Pacifico ao Atlantico, não morrerá nem esquecerá o illustre Fernão de Magalhães.

A. F. Marx de Sori (*escriptor contemporaneo*).

<sup>1</sup> § 247. <sup>2</sup> as mercadorias pertencentes ao rei, <sup>3</sup> recompensa, ordenado, mezada paga aos que *moravam* (viviam) na côrte, camareiros e cavalleiros que o rei tinha a seu serviço, <sup>5</sup> muitas, <sup>6</sup> ilhas da Oceania, <sup>7</sup> rei de Hespanha. <sup>8</sup> cidade de Hespanha, nas margens do rio Guadalquivir, <sup>9</sup> Brazil, <sup>10</sup> monte, <sup>11</sup> lançar ferro ou ancora, <sup>12</sup> § 248 b. <sup>13</sup> direcções, <sup>14</sup> os habitantes d'uma terra, nascidos n'ella, <sup>15</sup> caminho, <sup>16</sup> provisão de aguas.

### 18 — O verdadeiro sabio

Em sordida <sup>1</sup> masmorra <sup>2</sup> aferrolhado,  
De cadeias asperrimas <sup>3</sup> cingido <sup>4</sup>,  
Por ferozes contrarios <sup>5</sup> perseguido, <sup>6</sup>  
Por linguas impostoras criminado;

Os membros quasi nús, o aspecto <sup>7</sup> honrado,  
Por vil bôca e vil mão roto e cuspidado,  
Sem vêr um só mortal compadecido  
Do seu funesto <sup>8</sup>, rigoroso estado;

O penetrante, o barbaro instrumento  
De <sup>9</sup> atroz, violenta, inevitavel morte  
Olhando já na mão do algoz cruento: <sup>10</sup>

Inda assim não maldiz a iniqua <sup>11</sup> sorte,  
Inda assim tem prazer, socego, alento,  
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

<sup>1</sup> immunda, repugnante. <sup>2</sup> prisão subterranea. <sup>3</sup> superlativo de aspero. <sup>4</sup> § 140, a) e § 142. <sup>5</sup> inimigos, adversarios. <sup>6</sup> § 163, c). <sup>7</sup> semblante, presença. <sup>8</sup> deploravel, desventurado, infeliz. <sup>9</sup> § 153 a) <sup>10</sup> cruel, amigo de derramar sangue. <sup>11</sup> injusta.

---

### 19 — O mar

Assim como quatro quintas partes do corpo humano são agua, assim quatro quintas partes da grande corpulencia do globo são mar. Parecendo separar os homens, o bello destino do mar é reuni-los.

A bacia do Mediterraneo limitava o mundo antigo habitado pelos gregos, pelos phenicios e pelos egypcios ; e foi pelo Mediterraneo que partiram as primeiras colonias que povoaram a Africa e a Asia, estabelecendo o principio das nossas relações com o mundo novo.

O mar foi o primeiro guia da humanidade. Amavel e austero <sup>1</sup>, foi elle que primeiro embalou o berço do homem, e que em seguida o acordou para os nobres trabalhos, suggerindo-lhe <sup>2</sup> as primeiras noções do Universo.

O desenvolvimento dos estudos naturaes <sup>3</sup> tem modificado a opinião supersticiosa de que o mar é um abysmo tenebroso <sup>4</sup> e deserto.

Naturalistas <sup>5</sup> americanos têm ultimamente explorado o mar á profundidade de dois mil e setecentos metros.

As explorações do leito <sup>6</sup> do Oceano, feitas por occasião de ser collocado o cabo transatlantico <sup>7</sup> e o cabo destinado a ligar a costa de Argel <sup>8</sup> com a Italia, provam que o fundo do mar é habitado na sua maior profundez.

E quantas variedades de individuos, quantas maravilhas da procreação no organismo e nos costumes dos habitantes do mar !

Alguns viajam em balão, dentro do seu elemento. Dispõem de uma bexiga natatoria, que enchem mais ou menos de ar, subindo ou baixando até á camada de agua em que desejam ficar, e assim caminham socegados, adormecidos.

Os mais vorazes têm dentes admiraveis; e, como os podem quebrar facilmente, ha uma segunda ordem de dentes para substituir a primeira, e uma terceira para substituir a segunda.

Têm as formas mais diversas, segundo as necessidades do seu organismo e as condições do seu meio: <sup>9</sup> uns parecem um cavallo, outros um ouriço, outros um martello.

Ha-os espalmados e chatos, como a *sólha*, que vive arrastando-se na areia.

Ha-os finos, esguios e com as barbatanas peitoraes tão desenvolvidas que se erguem da agua e volitam <sup>10</sup> no ar, como os *ruivos* e as *andorinhas do mar*.

As *alforrecas*, que apresentam na agua a fôrma de um barrete de dormir, e parecem feitas de geleia, umas transparentes como vidro, outras côr de rosa, outras azues ou opalinas <sup>11</sup>, são tão vorazes que engolem os camarões e digerem-nos sem os haverem mastigado.

Do ovo da alforreca sae uma larva, que se transforma num *polypo*. D'este animal, inteiramente diverso da alforreca, nascem os rebentos que formam a comunidade do polypeiro. Mais tarde, do polypeiro brotam uns gomos, que se transformam em alforrecas.

O polypo tem uma tal força vital, que, depois de esquartejado, revive em cada um dos bocadinhos em que foi partido. Tantos bocadinhos, tantos polypos. Inteiro, é um individuo; despedaçado, é uma familia.

As *estrellas do mar*, de côr arroxçada, que tantas vezes apparecem na nossa costa, quando não podem engolir um animal que lhes resiste, deitam o estomago de fóra, e, com um succo que elle segrega <sup>12</sup>, entorpecem o inimigo e devoram-no depois.

Entre os crustaceos, uma especie tomada como o symbolo do retrocesso por aquelles que ainda imaginam que ella anda ás arrecúas, — o *carangueijo*, o forte e prestante <sup>13</sup> carangueijo, encarregado do importante serviço sanitario da limpeza das praias, representa, pela sua configuração e pela sua estructura, a mais solida, a mais poderosa, a mais terrivel machina de guerra que se tem inventado.

Se o prendem á traição por algum dos seus membros, elle mesmo quebra esse membro e retira-se mutilado. Vae com um, dois, ou tres pés de menos; — embora! elle tornará a crear pacientemente mais um pé, mais dois, mais tres, mais tantos pés quantos houver sacrificado ao resgate <sup>14</sup> da sua liberdade.

O carangueijo, porém, cresce. Crescermos, tornar-mo-nos grandes, é para todos nós uma responsabilidade grave: para o carangueijo é uma lamentosa desgraça. Tem de despir a sua invencivel armadura, e é obrigado a ir triste, fraco, desarmado, para debaixo de uma pedra, fabricar pacientemente uma vestimenta nova.

Nestas condições, retirado dos combates, das aventuras, das viagens, entregue inteiramente á vida domestica, o carangueijo tem pela sua esposa uma dedicação sublime: quando ella é aprisionada, elle, não podendo defendê-la, nem bater-se por ella, vae espontaneamente render-se, e entrega á discreção <sup>15</sup> do inimigo a sua vida saudosa e viuva.

Para os portuguezes, o mar tem attractivos especiaes: é o caminho das conquistas, dos descobrimentos, da poesia, da inspiração artistica, da gloria nacional.

A nossa bella architectura manuelina <sup>16</sup>, as capellas imperfeitas da Batalha <sup>17</sup> e dos Jeronymos <sup>18</sup>, têm na escolha dos ornatos predilectos, na repetição de certos pormenores, o profundo cunho maritimo; vê-se a meúdo a preocupação do embarcadiço; acha-se a cada passo o revelação do marinheiro.

O nosso mais bello livro de versos é um poema maritimo — OS LUSIADAS.

A mais extraordinaria obra, que em Portugal se tem escripto em prosa, é a HISTORIA TRAGICO-MARITIMA uma relação de naufragios.

Em nenhuma outra litteratura conheço livro que se compare com este. A HISTORIA TRAGICO-MARITIMA é a narração de celebres catástrophes, copiada litteralmente da noticia oral, repetida muitas vezes por uma testemunha presencial do caso referido.

Nunca o talento dramatico produziu rasgos mais commoventes, effeitos mais profundamente tocantes ; nunca a tragedia achou notas mais sentidamente elegiacas <sup>19</sup>; nunca a arte descriptiva tornou mais palpitante e viva a acção narrada ; nunca, finalmente, a sciencia da linguagem e o poder do estylo acharam para um assumpto fórmulas mais adequadas, toques mais profundos, simplicidade mais real, mais pittoresca, mais suggestiva, mais completamente e mais cabalmente <sup>20</sup> artistica.

Ramalho Ortigão (*auctor contemporaneo*).

<sup>1</sup> é aqui empregado como o contrario de amovivel.. <sup>2</sup> fazer vir ao pensamento, lembrar. <sup>3</sup> da natureza, das cousas da terra. <sup>4</sup> onde ha trévas, grande escuridão. <sup>5</sup> os que estudam as cousas da natureza. <sup>6</sup> fundo. <sup>7</sup> o fio do telegrapho através do Oceano Atlantico (entre a Europa e a America). <sup>8</sup> na Africa. <sup>9</sup> do logar em que vivem. <sup>10</sup> volitar ou voltear, dar voltas, girar, revolver-se. <sup>11</sup> da côr da opála ou opalo, pedra preciosa de côres variadas. <sup>12</sup> deita. <sup>13</sup> que faz serviços. <sup>14</sup> compra. <sup>15</sup> vontade. Não confunda *discreção* com *descripção*. <sup>16</sup> segundo o estylo dos edificios no tempo de D. Manuel. <sup>17</sup> notavel egreja perto de Leiria, mandada edificar por D João I em memoria da batalha de Aljubarrota cuja planicie fica proxima. As capellas imperfeitas ficam por traz da egreja e chamam-se assim por terem ficado por acabar. <sup>18</sup> magnifica egreja e mosteiro em Belem, junto a Lisboa, construida no tempo de D. Manuel, em memoria da descoberta de Vasco da Gama. <sup>19</sup> tristes. <sup>20</sup> completamente, perfeitamente.

## 20 — A casa do coração

O CORAÇÃO tem dois quartos.  
Moram alli, sem se vêr,  
Num a Dôr, noutro o Prazer.

Quando o Prazer, no seu quarto,  
Acorda cheio de ardor,  
No seu esmorece a Dôr.

Cuidado, Prazer! cautela!  
Folga e ri mais devagar...  
Não vá a Dôr acordar!

Anthero de Quental (*escriptor contemporaneo*).

## 21 — A raiz

A raiz, seja qual fôr <sup>1</sup> a sua grandeza, a sua configuração, a sua tendencia, a sua massa, os seus tegumentos <sup>2</sup>, é sempre um alicerce vivo de um ente vivo, e um amigo, que, ás escuras e sem ruido, lhe anda por aqui, por acolá, ás vezes bem fundo e bem longe, grangeando <sup>3</sup> a subsistencia.

Se ha plantas <sup>4</sup> rudimentares, como as *confervas* <sup>5</sup>, que não têm raiz, para viajarem livres por cima das aguas; se as ha completas e tambem marinhas <sup>6</sup>, que, tendo raiz, não ancoram <sup>7</sup> em parte alguma; se as ha, que por cima de outras serpeiam <sup>8</sup>, se entrelaçam e se nutrem, — na quasi totalidade, a raiz é qual a acabamos de caracterisar.

Como fundamento de estabilidade, é sempre proporcional á sua planta: como sua procuradora <sup>9</sup>, tanto mais se multiplica e alastra, quanto menos abunda no solo o sustento que procura.

De tres partes consta a raiz: *corpo*, que é a sua

porção mais massiça, *collo* ou *nó vital*, que é onde esta se estreita para passar a tronco, e *fibras radicaes* ou *radiculas*, que são ramificações, mais ou menos delgadas, mais ou menos subdivididas, mais ou menos densas, mais ou menos longas, mas terminada cada uma por uma esponjinha cellular <sup>10</sup>, *espongiolo* chamada. Só pelos espongiolos suga da terra a planta os fluidos <sup>11</sup> que lhe prestam.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

1 § 29. 2 Membranas que cobrem. 3 ganhar, arranjar. 4 § 119, a). 5 plantas que se criam sobre as aguas estagnadas, formando o que vulgarmente se chama limo. 6 que vivem no mar. 7 não se fixam (*Ancorar*, deitar o navio a ancora ao fundo para ficar parado (seguro). 8 lançam ramos formando curvas (*Serpear*, mover-se á maneira das serpentes). § 80, 1, 2. 9 pessoa que trata dos negocios de outra. Aqui significa que a raiz é a que procura á planta o seu sustento. <sup>10</sup> formada de cellulas. As cellulas são pequenissimas cavidades ou sacos. <sup>11</sup> os liquidos, a humidade.

## 22 — Egoismo infantil

— São horas de merenda — a mãe dizia —  
Toma este pão e vae para o jardim. —  
— Eu vou, mamã, mas dê-me outra fatia  
Para os passaros ; esta é para mim.

— Aqui tens dois bocados ; vae agora. —  
O pequeno a saltar, a rir, correu,  
E em dois minutos a ração devora  
Que para os passaros a mãe lhe deu.

No'ando a mãe uma das mãos vasia,  
— Comeste o pão — lhe diz, — já não tens nada  
Do teu bocado? — Tenho esta fatia —  
E dá-lhe uma dentada.



— Aos passaros a outra repartiste? —

Pergunta ainda a mãe.

O filho envergonhado, a medo, triste,

— A outra — diz — comia a já também.

— Sim, senhor, boa acção! muito bonito!

Pois o menino come o que é furtado?!

Dê isso ás aves... já! — O pequenito

Obedece; porém, muito amuado.

Antonio d'Azevedo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

### 23 — Conquista de Ceuta

É opinião assentada entre quasi todos os chronistas e historiadores que a conquista de Ceuta, em 1415, deve ser considerada como o primeiro passo no caminho dos grandes descobrimentos dos portuguezes; pois que, além das informações que o immortal infante D. Henrique poude obter dos moiros<sup>1</sup>, a respeito do deserto do *Sahará* e dos povos *Azenegues*, concorreu também para o bom exito d'estas empresas o terem os portuguezes conseguido dominar<sup>2</sup> nos mares do Algarve, fazendo respeitar<sup>3</sup> alli o pavilhão portuguez, para poderem armar com segurança os navios que se destinavam aos descobrimentos.

Foi pelos moiros de Ceuta que o infante obteve mais certo e especial conhecimento do interior da Africa: assim o refere, na *Chronica<sup>4</sup> da Descoberta e Conquista de Guiné*, Gomes Eannes d'Azurara, auctor cuja opinião seguimos de preferencia nos descobrimentos iniciaes<sup>5</sup> da costa d'Africa, por ser coevo<sup>6</sup> e ter fallado com quasi todos os navegadores de que tratou; chronista a quem o illustre visconde de Santarem prestou honrosa homenagem.

Fundados portanto na opinião d'este e na d'outros

auctores, entendemos dever considerar a conquista de Ceuta e os preparativos para esta importante empreza, começados em 1411, como os primeiros passos da brilhante carreira dos descobrimentos portuguezes.

Couberam ao infante D. Henrique na tomada de Ceuta as honras da distincção. Commandando uma grande e poderosa frota, a maior que por ventura se viu, e, sendo o primeiro dos principes que tomaram terra inimiga, combateu por espaço de cinco horas seguidas, obrando prodigios de valor. El-Rei seu pae, em honra d'estes feitos, armou-o cavalleiro, deu-lhe o senhorio de um lugar no Algarve e o titulo de duque; e, porque o infante foi o que naquella empreza mais lidou, e o que para ella concorreu com mais grossas despezas, fê-lo tambem senhor da Covilhã.

D. Henrique, quarto filho d'El-Rei D. João I, era gran-mestre da Ordem de Christo, dignidade que punha nas suas mãos a administração das enormes rendas da Ordem; possuia um genio emprehendedor e era perseverante e generoso: taes dotes, juntos a tão grandes meios, fizeram do infante o maior homem do começo dos tempos modernos, um heroe cujas obras aproveitaram ao mundo inteiro.

Ceuta acabava de ser expugnada <sup>7</sup>, e, se o mesmo não succedeu á villa de Gibraltar, como chegou a estar posto em ordenança, foi porque o inverno estorvou o infante de pôr em pratica tão audacioso designio.

A este plano não podia deixar de andar ligada a idéa de dominar no Mediterraneo.

No anno seguinte vieram os moiros em grande força cercar Ceuta, acontecimento que levou D. Henrique novamente áquellas paragens para fazer levantar o cerco.

Logo que o infante voltou do descerco, foi residir em uma terra do Algarve situada na ponta mais desgarrada de Portugal, a qual parece ter sido destinada a servir de posto avançado á civilisação européa.

Nesta terra, cujo senhorio El-Rei havia dado a D.

Henrique, fundou elle uma villa que se denominou do *Infante*, e que devia servir para trato <sup>8</sup> e refresco <sup>9</sup> dos mareantes que fossem para o levante <sup>10</sup>, ou viessem das costas occidentaes da Europa.

Sagres, no cabo de S. Vicente, pois que foi este o lugar escolhido pelo infante para estabelecer a sua villa, era, pelo occidente, o *terminus* <sup>11</sup> natural do mundo conhecido no começo do seculo xv, ao passo que o cabo *Não* marcava na Africa o limite até onde havia noticias de terem chegado os navegadores europeus.

O infante desejava fazer descobrir a terra que seguia para lá do cabo Bojador, da qual só houvera podido obter algumas informações dos moiros de Ceuta, pois que até áquella época não constava haver *escriptura* que d'ella dêsse noticia. Para esse fim era preciso penetrar no chamado mar *tenebroso*, e devassar <sup>12</sup> os segredos que muitas vezes tinham feito tremor de susto os mais audaciosos mareantes da península <sup>13</sup>.

O Atlantico do sul conservára, desde o dominio dos arabes na península, a assustadora reputação de ser habitado por phantasmas e monstros marinhos, reputação que por muito tempo embarçou o infante de proseguir no descobrimento e exploração da costa d'África.

Todos os annos mandava D. Henrique duas ou tres caravelas <sup>14</sup>, confiadas ao cuidado de alguns dos seus mais zelosos criados, com ordem de passarem o cabo Bojador e irem o mais ao sul que pudessem. Estas tentativas, porém, se repetiram por muito tempo sem outro resultado que o da exploração da costa d'África até ao mencionado cabo, pois que, por muito ousados e experimentados que fossem os mareantes, voltavam todos antes de tocarem o cabo, indo desferrar-se da sua pouca fortuna no mar de levante, ou na costa de Granada <sup>15</sup>, onde faziam muitas presas aos moiros.

<sup>1</sup> Cp. *mour-o, -ama, -aria, -ejar, -ejador, -esco, -isco, -isma, -ismo*, que também se escreve com *i* em vez de *u*. (L. *maurum*, propr. *moreno*, de côr escura). <sup>2</sup> Litter. Ser *dono*, senhor da casa (L. *dominus*). V. n.º 121, nota 8. <sup>3</sup> propr. considerar com atenção (pref. *re* que designa repetição, renovação, frequência, e raiz, *spect*, vêr, olhar). Cp. n.º 127, nota 2. <sup>4</sup> historia pela ordem dos tempos. *Caronica*, forma archaica. Syn. *annaes*. G. *chronos*, tempo. Cp. *anachronisms* (*ona*, exprime inversão): *chronologia* (*logos*. discurso, tratado, sciencia), *chronometro* (*metron*, medida), *isochrono* (*isos*, igual), *synchro* (*sum*, com, juntamente). <sup>5</sup> que *começa*, que principia; deriv. de *inicio*, principio, *começo*. Cp. *inicia r, -ção, -do, -dor, -tiva, -tivo*. <sup>6</sup> do mesmo tempo. Syn. *coetaneo*, *contemporaneo*. Cp. *evo*, *eviterno*, *eviternidade*. <sup>7</sup> tomada, conquistada. Composto do prefixo *ex* e *pugnar*, combater, batalhar. <sup>8</sup> *commercio* <sup>9</sup> agua e mantimentos que os navios tomam nos portos. <sup>10</sup> os portos que ficam na parte oriental do Mediterraneo. <sup>11</sup> palavra latina da qual fizemos *termino* e *termo* (fim, limite). <sup>12</sup> descobrir, tirar informação. <sup>13</sup> a península iberica (Hespanha e Portugal). <sup>14</sup> pequenos navios antigos. <sup>15</sup> terra no sul da Hespanha.

---

## 24 — O moinho

Onde a corrente é mais ruidosa e alta,  
 Perto de um olival êrmo <sup>1</sup> e sombrio,  
 Um moinho a sombra estende sobre o rio,  
 Que pelos vãos da roda espuma e salta.

Coberta de farinha, uma moleira  
 Está sentada, acalentando o filho,  
 Junto á mó <sup>2</sup>, que os pisados grãos de milho  
 Faz em chuva cair de aurea <sup>3</sup> poeira.

No entretanto o moleiro, em alvos <sup>4</sup> sacos  
 Guardando essa poeira abençoada,  
 Encosta-os, pela rustica morada,  
 Às paredes cobertas de buracos.

E, emquanto vae e vem na mesma lida  
 Que mais o alegra quanto mais o cança,  
 Amima algumas vezes a creança  
 No regaço materno adormecida.

Num pomar que elles têm, cheio de fructa,  
 — De um velho cão a guarda lh'a conserva —  
 Muita roupa, extendida pela erva,  
 Está córando ao sol <sup>5</sup>, já meio enxuta.

Guilherme Braga (*Falleccu em 1874*).

<sup>1</sup> solitario. <sup>2</sup> pedra de moer. <sup>3</sup> côr de ouro (Ouro em latim diz-se *aurum*). <sup>4</sup> brancos. <sup>5</sup> a roupa estende-se ao sol para ficar mais branca.

## 25 — Caule : troncos, estipes e colmos

O *caule* é a parte que, logo por cima da raiz, emerge <sup>1</sup> da terra, para servir de columna e canal de nutrição ao restante do individuo <sup>2</sup>. É o caule ás vezes tão curto, que mal se extrema <sup>3</sup> do nó vital <sup>4</sup>, desenvolvendo se a pompa nas folhas quasi desde o surdir do chão. (A couve e a alface são <sup>5</sup> dois exemplos bem familiares).

Em <sup>6</sup> tres especies se podem os caules dividir. *troncos, estipes, colmos*. Os troncos são os caules mais massiços <sup>7</sup>, e cuja <sup>8</sup> substancia se chama *lenha, pau* ou *madeira*; estes são de figura conica, mais ou menos imperfeita, e divididos por cima em braços ou pernas, que se subdividem em ramos, e estes em ramusculos <sup>9</sup>; uns e outros revestidos de folhas <sup>10</sup>.

De camadas circulares concentricas se compagina <sup>11</sup> o tronco, o que, serrando a tôpo um carvalho, ou qualquer outra das nossas arvoras, de prompto se reconhece. Estas camadas são (de fôra para dentro) : *epiderme, envoltorio herbaceo, livrilho* e *camada gera-*

*dora* (estas quatro constituem a casca). Depois as camadas ligneas <sup>12</sup>, que são tantas como os annos que a arvore tem vivido, pois cada anno <sup>13</sup> se fórma uma nova camada geradora para supprir a do precedente, que em camada ligneas se converteu.

O lenho, que é o total d'estas camadas, consta (tambem de fóra para dentro) do *alburno* (que é pau mais mole e esbranquiçado), do verdadeiro *lenho*, do *estojo medullar* e da *medulla*.

Os *estipes* são caules menos massiços que <sup>14</sup> os troncos e menos conicos; antes quasi cylindricos ou roliços por egual, os quaes, ao cimo, se desatam em ramallete. Casca e interior, pouco lhe differem; são um feixe de fibras, em que se não percebem camadas circulares, nem as outras differenças que vão nos troncos. Entre os tropicos <sup>15</sup>, abundam as arvores de estipe, como as palmeiras; nos nossos climas, as de tronco, como a lorangeira.

Finalmente os *colmos* são caules tambem quasi cylindricos e commummente ôcos, de natureza herbacea, lisos e lustrosos, com seus nós de distancia em distancia, dos quaes saem folhas.

Colmos são as canas ordinarias e as do assucar, o milho, o trigo, o centeio, etc. Pelo caule (quer colmo, quer estipe, quer tronco), mórmente sendo espinhoso, como o das silvas, absorvem as plantas na atmosphaera alguma parte do seu sustento; pelo caule lançam de si algumas excreções <sup>16</sup>, como gommias, rezinas, oleos; pelo caule levam seiva <sup>17</sup> em bruto da raiz até aos ultimos pincares <sup>18</sup> e pontinhas das folhas, e a fazem por outros canaes do mesmo caule redescender <sup>19</sup>, já elaborada <sup>20</sup> e propria para ir nutrindo o todo.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

<sup>1</sup> emergir é sair d'onde estava mergulhado. <sup>2</sup> § 151. <sup>3</sup> se differença. <sup>4</sup> § 199,5), <sup>5</sup> § 116,2). <sup>6</sup> § 158,1. <sup>7</sup> § 184) c. <sup>8</sup> § 190, a). <sup>9</sup> diminutivo de ramos. <sup>10</sup> § 113. <sup>11</sup> compaginar é metter

em pagina. Aqui é: se fôrma, se compõe. <sup>12</sup> Ou lenhosas. <sup>13</sup> § 124. <sup>14</sup> § 184, a). <sup>15</sup> quer dizer: nos paizes quentes. <sup>16</sup> materias que saem. <sup>17</sup> liquido que as raizes absorvem do seio da terra e que serve para nutrição da planta. <sup>18</sup> cumes <sup>19</sup> tornar a descer, voltar ao ponto mais baixo d'onde se partiu. <sup>20</sup> preparada.

## 26 — A nau Cathrineta

(Romance popular)

Lá vem a nau Cathrineta  
Que tem muito que contar!  
Ouvide <sup>1</sup> agora, senhores,  
Uma historia de pasmar <sup>2</sup>.

Passava mais de anno e dia  
Que iam na volta do mar <sup>3</sup>;  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar <sup>4</sup>.  
Deitaram sóla de molho  
Para o outro dia jantar;  
Mas a sóla era tão rija,  
Que a não poderam tragar.  
Deitam sortes á ventura <sup>5</sup>  
Qual se havia de matar;  
Logo foi cair a sorte  
No capitão general.  
— «Sóbe, sóbe, marujinho,  
Áquelle mastro real,  
Vê se vês terras d'Hespanha,  
As praias de Portugal.»  
— «Não vejo terras d'Hespanha,  
Nem praias de Portugal;  
Vejo sete espadas núas  
Que estão para te matar.»

— «Acima, acima, gageiro, <sup>6</sup>  
Acima, ao tope real! <sup>7</sup>

Olha se enxergas Hespanha,  
Areias de Portugal.

— «Alviçaras, capitão,  
Meu capitão general!

Já vejo terras d'Hespanha,  
Areias de Portugal.

Mais enxergo tres meninas  
Debaixo de um laranjal;

Uma sentada a coser,  
Outra na róca a fiar,

A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.»

— «Todas tres são minhas filhas,  
Oh! quem m'as déra abraçar!

A mais formosa de todas  
Comtigo a hei-de casar.»

— «A vossa filha não quero,  
Que vos custou a criar.»

— «Dar-te-hei tanto dinheiro  
Que o não possas contar.»

— «Não quero o vosso dinheiro,  
Pois vos custou a ganhar.»

— «Dou-te o meu cavallo branco,  
Que nunca ouve outro igual.»

— «Guardae o vosso cavallo,  
Que vos custou a ensinar.»

— «Dar-te-hei a náu Cathrineta,  
Para nella navegar.»

— «Não quero a náu Cathrineta,  
Que a não sei governar.»

— «Que queres tu, meu gageiro,  
Que alviçaras te hei-de dar?

— «Capitão, quero a tua alma  
Para comigo a levar.

— «Renego de ti. demonio,  
Que me estavas a tentar!



A minha alma a Deus pertence,  
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,  
Não o deixou afogar :  
Deu um estoiro o demonio,  
Acalmaram vento e mar ;  
E á noite a náu Cathrineta  
Estava em terra a varar.

Almeida Garrett (1799-1854).

<sup>1</sup> forma antiga do imperativo ; *ouvi* (vós). <sup>2</sup> de pasmar — que faz pasmar. <sup>3</sup> iam no mar, voltando para terra. <sup>4</sup> comer, mastigar. <sup>5</sup> ao acaso. <sup>6</sup> marinheiro que vigia no alto dos mastros. <sup>7</sup> a ponta do mastro mais alto.

27 — As guerras dos homens  
e as guerras das formigas (pag. 53 na 4.<sup>a</sup> ed.)

— Prazem-vos <sup>1</sup> as parabolás ?

— Conforme.

— As parabolás explicativas, bem entendido ?

— Basta serem explicativas para me prazarem.

Sempre ouvi dizer que o exemplo...

— É o modo melhor de esclarecimento. Ora pois, tomae bem conta no que vos digo.

— Isso não precisaes recommendar-m'ó.

— Heis <sup>2</sup> já oihado com attenção para um formigueiro ?

— Dizeis ?

— Pergunto se já tendes observado um formigueiro ? Não faltam elles ahí.

— Confesso com todo o respeito que vos devo, que não atino... O que póde ter um formigueiro com...

— Com os hollandezes? Atinareis já. Dizei: tendes observado?

— A fallar a verdade nunca puz<sup>3</sup> nisso maior attenção.

— Fazeis mal, senhor Vieira, fazeis mal. Muito se aprende no estudo dos animaes.

— Mesmo das formigas?

— Principalmente das formigas. Sabereis pois...

— Repararei agora.

— Sabereis pois que as formigas trazem tambem suas guerras e contendas...

— Já o tinha ouvido.

— Exactamente como os homens. Um mal é a guerra, mas não mal privativo<sup>4</sup> da especie humana.

De si para si julgou Vieira excessivo<sup>5</sup> o rigor critico do capitão da nobreza. Se geralmente era um mal a guerra, podia em certos casos ser um bem. Por exemplo: se o fizesse alcançar a mão da linda menina Berenguer.

Affonso d'Albuquerque proseguiu:

— Como vos ia dizendo, as formigas, que são animaes mui bellicosos,<sup>6</sup> apesar de pequenos, trazem frequentemente discordias, e chegam ás vezes a dar batalhas.

— Batalhas até!? Sabe-se a causa?

— As causas... as mesmas tambem que armam os homens. Um bando tem mais, outro menos; estreitez<sup>7</sup> de umas, cobiças de outras. Succede que um formigueiro esfaimado sabe pelos seus exploradores...

— Têm exploradores as formigas?

— E sobre modo diligentes e perspicazes. Sabe pelos exploradores que ha nas vizinhanças um formigueiro munido de bons celleiros, e farto de provisões para mantimento da tribu<sup>8</sup> que o habita. Estes celleiros... Já de certo os tereis visto quando se levanta um chão novo para abrir os matombos<sup>9</sup> da mandioca<sup>10</sup>.

— Assim é.

— Estes são os cubiçados... Parece-vos curioso?